

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
OUTUBRO 2009

EIXO: HIBRIDAÇÃO
TÍTULO: CRÍTICA RADICAL À METRÓPOLE: A CONSTRUÇÃO DO DEBATE

AUTOR 1: LIZETE MARIA RUBANO
PROFA. DRA. FAU-UPM
lmrubano@superig.com.br

AUTOR 2: IGOR GUATELLI
PROF. DR. FAU-UPM
igorquat@uol.com.br

AUTOR 3: LUCAS FEHR
PROF. DOUTORANDO FAU –UPM
lucasfehr@uol.com.br

AUTOR 4: MARIA ISABEL VILLAC
PROFA. DRA. FAU –UPM
belvillac@mackenzie.com.br

AUTOR 5: MARIO FIGUEROA
PROF. DR. FAU-UPM
mfigueroa@uol.com.br

AUTOR 6: MARCELO BARBOSA
PROF. DOUTORANDO FAU –UPM
mconsiglio@hotmail.com

CRÍTICA RADICAL À METRÓPOLE: A CONSTRUÇÃO DO DEBATE

RESUMO

Com a oportunidade da pesquisa Crítica radical à metrópole: ensaios e projeção, investigamos algumas questões que nos têm motivado no ensino e na discussão da condição contemporânea das metrópoles e da atividade projetual.

As características da cidade de São Paulo, de como tem se conformado metrópole no século XXI, a partir das diferentes condições – espaciais, de apropriação, de grau de urbanidade, densidade, etc. – têm colocado como necessárias outras formulações que poderiam (ou deveriam) desencadear as “novas tarefas” de projeto.

Ensaística e indagativa, a pesquisa realizada elegeu algumas situações na cidade que se apresentam como micro-políticas locais e macro-políticas territoriais, possibilidades de uma outra história dentro da própria história.

PALAVRAS CHAVE: pesquisa; micro-política local ; macro-política territorial

EIXO: HIBRIDAÇÃO

RADICAL CRITICISM TO THE METROPOLIS: THE DEBATE ´S CONSTRUCTION

ABSTRACT

With the research chance: Radical criticism to the metropolis: essays and projects, we investigated some questions that have motivated us in the academic discussion about the contemporary projects and cities conditions.

The São Paulo city characteristics, and the process that has conformed it in metropolis in century XXI, considering the different conditions - space, appropriation, degree of urbanity, density, etc. - have placed as needed other formulations that could (or they would have) put "on table" the "new project tasks".

Like an essay and with a lot of questions, the research elected some city situations that present themselves as local politics and territorial politics, possibilities of another history within the own history.

KEYWORDS: research; local politics; territorial politics

AXIS: HYBRID

CRÍTICA RADICAL A LA METRÓPOLI: LA CONSTRUCCIÓN DEL DEBATE

RESUMEN

La oportunidad de la investigación Crítica radical a la metrópoli: análisis y proyecto, hizo posible reflexionar acerca de algunas preguntas que nos han motivado en la enseñanza y en la discusión de la condición contemporánea de las metrópolis y de la actividad proyectual.

Las características de la ciudad de São Paulo, de cómo se conformo metrópoli en el siglo XXI, a partir de las distintas condiciones - espaciales, de la apropiación, del grado de urbanidad, de la densidad, etc. - han colocado como necesario otras cuestiones que podrían (o deberían) desencadenar las "nuevas tareas" del proyecto.

Como un ensayo y de forma indagatoria, la investigación eligió algunas situaciones en la ciudad que se presentan como pequeñas políticas locales y grandes políticas territoriales, posibilidades de una otra historia dentro de la propia historia.

PALABRAS-LLAVE: investigación; políticas locales; políticas territoriales

EJE: HIBRIDACIÓN

CRÍTICA RADICAL À METRÓPOLE: A CONSTRUÇÃO DO DEBATE

Com a oportunidade da pesquisa *Crítica radical à metrópole: ensaios e projeção*, investigamos algumas questões que nos têm motivado no ensino e na discussão da condição contemporânea das metrópoles e da atividade projetual.

A produção da cidade e a construção do pensamento voltado à arquitetura, ao projeto urbano e territorial têm sido objetos de intenso debate, pontuado por períodos da história em que a estrutura de organização do território era apontada como possibilidade a uma outra formulação de sociedade e, depois, à própria realização da vida material, considerando-se seus processos de produção e consumo.

HUET¹ sugere algumas hipóteses acerca do porquê da hegemonia do pensamento formulado às cidades a partir da Carta de Atenas, associando-a às condições históricas, organizativas e econômicas da conjuntura pós segunda guerra. Ali, a formulação de cidade e de como ela poderia materializar-se teria sido “perfeitamente adequada” à necessidade de um Estado centralizador e condutor dos processos de reconstrução. Caberia, sem grande margem de erro, uma formulação racionalista e positivista às cidades que, por sua vez, deveriam voltar a funcionar em curto espaço de tempo.

Assim como coube ao Estado brasileiro dos anos 50, que equacionava um antagonismo entre condições reais de estrutura econômica de sociedade (não moderna) e uma busca por modernização, utilizar-se de um mecanismo super-estrutural – a cultura – para fazer-se moderno e “tirar um atraso”, diminuir uma distância histórica de que somente transformações infra-estruturais poderiam dar conta.

Esse aparente “descolamento” das condições efetivas da realidade brasileira que a arquitetura moderna de alguma maneira refletia, atribuiu-lhe uma certa ilegitimidade, mas que também pode ser interpretada como uma “legitimidade estratégica ou casual”: por um lado a arquitetura moderna no Brasil representava uma “face” ou um estágio de sociedade que não tinha lastro, não tinha raízes, não havia sido profundamente construída (o que dizer do avanço social e tecnológico preconizado, de uma hipótese de ordenação do território sem ser pelo viés da renda da terra e do capital produtivo, como compreender verdadeiros laboratórios sociais desencadeados pelos projetos de habitação coletiva daquele período?).

Por outro, desencadeou uma aparente possibilidade de ação estrutural pela arquitetura e pelo urbanismo que, de alguma maneira contribuiu para que

¹ HUET, Bernard. A cidade como espaço habitável. Alternativa à Carta de Atenas. *Arquitetura e Urbanismo* (9) 1986/87, p.82.

estendêssemos – pelo maior tempo possível - nossa formulação de modernidade, das possibilidades racionais de ordenação e técnica.

Enquanto isso, mais que nunca, o capital financeiro, a população pobre, os mecanismos de mercado, as condições dadas pela renda da terra, o Estado burguês, entre outros agentes, lógicas e processos, haviam conduzido e realizado o território das cidades. Tudo de maneira independente de qualquer formulação teórica ou ação estrategicamente concebida.

Essa dimensão – o afastamento da disciplina de qualquer processo real de construção do território urbano no Brasil – talvez não tenha sido totalmente percebida ou formulada até agora.

Estudiosos e intelectuais que já se debruçaram sobre o tema, anunciaram - e vêm anunciando – esse afastamento ou até o serviço que a disciplina tem prestado aos processos de espetacularização ou de gentrificação a que bairros ou áreas específicas da cidade estão submetidos por uma ação que tem a arquitetura e o urbanismo como temas. Estes intelectuais, a partir dos estudos de formação da sociedade e da cultura brasileiras e da construção material do território urbano, apontam – direta ou indiretamente - o lugar que a disciplina tem ocupado na construção desse território. Milton Santos, Otília Arantes, Mariana Fix são alguns deles ².

O projeto urbano e de arquitetura – de ícone possível da modernidade – passa a instrumento de temas da condição contemporânea tais como, o caráter genérico das cidades, a dimensão de segregação, a competição internacional pelos atrativos “urbanos”, a realização do espaço do negócio, etc.

O projeto tem tido esse papel e seu significado tem sido pouco discutido criticamente, a ponto de se poder rever formulações intelectuais e estratégias de ação. Com clara descendência da Escola de Veneza, os trabalhos de Otília Arantes são referenciais e, talvez, tenham demarcado um momento de inflexão à crítica do significado dos projetos urbanos que se desencadearam a partir da década de 80 pela ação do Estado no cenário internacional e que geraram desdobramentos por aqui.

² SANTOS, Milton. Do cidadão imperfeito ao consumidor mais-que-perfeito; O espaço sem cidadãos; A reconstrução da individualidade e O espaço revelador: alienação e desalienação In O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1996.

FIX, Mariana. O curto-circuito da máquina paulistana de crescimento. In São Paulo cidade global. São Paulo: Boitempo, 2007; ARANTES, Otília. Urbanismo em fim de linha. São Paulo: Edusp, 2001.

À criação da “cidade do pensamento único”³ ou seja, dos mecanismos que fizeram dos territórios urbanos, lócus de ações desencadeadas a partir das operações urbanas, das parcerias público-privadas e do planejamento estratégico, opôs-se uma formulação crítica em que se questionava, inclusive, o significado das políticas compensatórias, tentativas apaziguadoras das radicais diferenças presentes no território urbano.

As características da cidade de São Paulo, de como tem se conformado metrópole no século XXI, a partir das diferentes condições – espaciais, de apropriação, de grau de urbanidade, densidade, etc. – têm colocado como necessárias outras formulações que poderiam (ou deveriam) desencadear as “novas tarefas”⁴.

Tem sido assim, em diferentes centros de estudos e pesquisas internacionais que têm se voltado à difícil complexidade dos processos das cidades contemporâneas com a perspectiva de se aproximar daquilo que acontece, das vivências, das sobrevivências nessas grandes cidades e, minimamente, formular possíveis novas tarefas à disciplina. Ou, pelo menos, experimentar algumas delas.

Experimentar frente às cidades que são, hoje, territórios do negócio e do entretenimento. Territórios globais, indiferentes às diferentes realidades das metrópoles, que emergem como locais estratégicos de união entre consumo, turismo e negócio; “as necessidades de produção e marketing da indústria do entretenimento resultam em uma reformulação da cidade global como uma Meca turística em escala jamais imaginada [...] Além disso, a cultura urbana se torna um objeto exótico de turismo, crescentemente mediado pela indústria do entretenimento” diz Saskia Sassen⁵.

Que processos outros poderiam então ser identificados? Que processos de subjetivação seriam esses que estão fabricados e engendrados por esses agenciamentos institucionais/territoriais urbanos? Seria possível considerarmos a existência de projetos e situações urbanas, muitas vezes igualmente institucionalizados, mas que poderiam ser entendidos como uma resistência a esse modo de organização social, política, econômica, cultural em andamento? Singularidades urbanas, em macro e micro escalas, que se configurariam como processos possíveis de singularização e de movimentos sociais outros em relação às vigentes políticas urbanas e tentativas de modelização de produção de subjetividades e de controle social.

³ ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal. In A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁴ Referência à TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. TAFURI, Manfredo e DALCO, Francesco. Modern Architecture. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1976, p.7

⁵ SASSEN, Saskia e ROOST, Frank. A Cidade: Local Estratégico para a Indústria Global do Entretenimento *in* Espaço & Debates. Aliança e Competição entre Cidades. Revista de Estudos Regionais Urbanos, ano XVII, 2001, no. 41, p. 72

Ensaística e indagativa, a pesquisa realizada elegeu algumas situações na cidade que se apresentam como micro-políticas locais e macro-políticas territoriais, como possibilidades de uma outra história dentro da própria história. Não como simples oposições ou manifestações baseadas apenas em um *faire vous même* alternativo (ações, na maioria das vezes, paralelas e à margem dos setores estruturados; precárias, efêmeras) mas, em virtude de certas características latentes ou devido à maneira como estas se articulam, projetos que se constituam como resistências e possibilidade de *re-existência* do ambiente urbano como lugar de sociabilidade e socialização. Instabilidades ou incongruências em potencial do sistema de controle estatal e corporativo, dentro do próprio sistema e, ao mesmo tempo, uma chance de insubordinação em relação a ele.

Em síntese, a pesquisa em questão pretendeu identificar, evidenciar e refletir sobre a possibilidade de produção de outras experiências de sentido de *estar com*, de troca, de convívio, de fortalecimento de realidades locais, dentro da dominante e, aparentemente, inexorável lógica histórica da contemporaneidade. Uma lógica de estruturas territoriais urbanas e da arquitetura do edifício calcada no negócio, na animação cultural, no marketing das instituições, na autonomia e no descompromisso com as dinâmicas sociais locais.

E essa tentativa de identificar outras experiências, diversas das do *stablishment*, deu-se a partir da cidade de São Paulo, com seus 10 milhões de habitantes, constituída e constituindo-se pela ação de agentes que geram territórios do negócio, da contradição, da cidade-dormitório, do controle, da ausência total de ordenação, da informalidade, da apropriação pelo confronto, da livre apropriação, do mercado, da tentativa de reestruturação pelo plano (diretor e regional).

Quais as possíveis formulações para essa cidade que poderiam ser vistas – se não como estruturais (dada a dificuldade mesma de se pensar uma ação de projeto que tenha essa abrangência) –, indicadoras de possíveis formas outras de se realizar a cidade?

Registramos experiências que são resultados – em sua grande maioria – de políticas públicas: porque a condição é metropolitana e, possivelmente, só uma ação conduzida ou intermediada pelo Estado poderia ter essa abrangência: de rede, infra-estrutural, com poder de ação, programática, de distribuição no território.

Além do que, pareceu-nos importante tentar apontar experiências que, mesmo sendo elaboradas e viabilizadas no âmbito do Estado ou de instituições formalizadas, oficiais, pudessem representar alternativas outras à condução “consagrada” da cidade no âmbito da competição internacional, a partir de projetos elaborados no sentido de atribuir urbanidade ao território desigual.

Por isso falamos em macro-políticas, em ações abrangentes e que, mais que “ordenar” pudessem subverter lógicas. É o caso da proposta dos **vazios de água** (arquitetos Fernando de Mello Franco, Marta Moreira e Milton Braga, 2007), que sugeriu “construir urbanidade onde só se aportavam valores funcionais”; ou a **rede de edifícios do SESC**, que recoloca a dimensão do espaço público, pelo programa e pela gestão; ou ainda a **rede de telecentros** e, essencialmente, o projeto desenvolvido pelos arquitetos Luiz Recamán e Leandro Medrano para a Prefeitura do Município de São Paulo, 2002, que atribuiu valor e complexidade ao lugar a partir de uma ação singela; ou o projeto da **estação Sumaré do metrô** (arquiteto Wilson Bracetti, 1998), que reinterpreta o lugar e, por isso, o recria.



SESC POMPÉIA E SESC PINHEIROS
Fotos: Arqtas. Mayara Christ e Carolina Lunetta



REDE DE TELECENTROS

Imagens: LA2 Arquitetura, <http://www.telecentros.sp.gov.br/mapa.php> (Mapa 2003, Fonte: PMSP)

Na pesquisa também destacamos o **Programa dos 100 parques**, da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente e, mais especificamente, o **Parque Fluvial Tiquatira**, Subprefeitura da Penha, como importante alternativa de distribuição de infraestrutura urbana e de constituição de uma nova urbanidade, por tangenciar, em toda sua extensão e com equipamento, os diversos bairros vizinhos.



PARQUE TIQUATIRA- ZONA LESTE

Imagens: PMSP Plano Regional da Penha e Google Earth

A experiência das **Estações de Transferência** (arquitetos Marcelo Barbosa e Jupira Corbucci, 2002) destacou-se como um projeto em que uma intervenção sistêmica demonstra poder não só estruturar uma rede de transporte coletivo mas, também, gerar um lugar urbano, pela referência que cria.

A proposta de urbanização da **Favela de Paraisópolis** (arquiteto Héctor Vigliecca e equipe) também foi destacada pela pesquisa por colocar de maneira nova e radical o potencial dos projetos habitacionais na reestruturação de territórios urbanos precários.

Ao mesmo tempo, as experiências de apropriação que colocam, pela força e enfrentamento da própria formalidade, possibilidades outras de se realizar a vida urbana, metropolitana, foram absolutamente fundamentais. São as micro-políticas, desencadeadas pelas “máquinas de guerra”⁶ que aqui estão representadas pela apropriação e pelo **projeto voltado às áreas sob viadutos** (e a experiência do arquiteto Igor Guatelli, 2007, no Viaduto do Café, foi a referência).



VIADUTO DO CAFÉ- BELA VISTA E PROJETO PARA ÁREA SOB O VIADUTO

Imagens: Igor Guatelli e equipe

⁶ “Os nômades inventaram uma máquina de guerra contra o aparelho de Estado”. In Félix Guattari e Gilles Deleuze. Introdução: Rizoma. In Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006, p.36;

Nesse sentido, também foi possível destacar o trabalho de “residência” e **teatro do grupo XIX**, que atua na Vila Maria Zélia (1917, Belenzinho), dando visibilidade à omissão pública e atribuindo novo significado à dimensão histórica da vila.

A pesquisa realizada colocou-se como um ensaio. Foi essa condição ensaística e singular dos projetos, o que nos motivou a elencá-los (não sem descartes e inclusões), problematizá-los e analisá-los a partir dos pressupostos da pesquisa. Não se pretendeu selecionar experiências contando com um universo definido precisamente e, como consequência, chegar a conclusões ou, até, tendências observáveis que indicariam possíveis encaminhamentos.

Nossa perspectiva foi mais a de – por conta de uma questão que nos aflige e motiva (o significado do projeto) – contribuir à discussão, utilizando-se dos projetos escolhidos para levantar temas, possibilidades e valores à cidade contemporânea.

E mais, como perspectiva em relação aos resultados da pesquisa, alguns objetivos tornaram-se prementes para nós:

- Formular perguntas como contribuição para uma instrumentação das discussões acerca das relações possíveis entre Arquitetura e Cidade;
- Subsidiar os debates sobre o fazer arquitetônico em relação aos processos de territorialização urbana na atualidade, como estratégias de enfrentamento do que parecem ser formas de fazer inexoráveis de uma lógica financeira dos processos de produção de espaços urbanos e sociais.

A pesquisa trabalhou, ao mesmo tempo, com a perspectiva de uma admissão e instabilidade do jogo coordenado pelos dispositivos de poder, institucionais e corporativos e as estratégias globais, utilizadas por esses dispositivos, que têm caracterizado a produção dos novos territórios urbanos, a apropriação e o consumo da cidade do negócio e do entretenimento.

Justamente nessa instabilidade inerente e susceptível é que tentamos encontrar as brechas onde poderiam se configurar como formas de resistência a esses processos e dispositivos.

Diz Foucault ⁷, “O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Na maioria das vezes, arquiteturas transformam-se em potentes discursos a serviço desses dispositivos de poder e da lógica financeira e exclusivista das instituições e corporações. Porém, o que não

⁷ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. V.1. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1980

podemos perder de mira, é justamente essa possibilidade “polivalente” e “ambivalente” dos discursos.

Se a onipotente rede de dispositivos de poder abrange e necessita de amplos e diversos setores de organização da vida urbana, inúmeros são os pontos (singularidades) e possibilidades de ruptura que podem ser provocados e trabalhados visando a emergência de outras subjetividades, outros modos de existência possíveis (talvez apenas momentaneamente fragilizados) e uma transformação global por vir.

Esperamos contribuir para a formulação de perguntas e questões sobre as possibilidades de enfrentamento, pela ação do projeto, daquilo que parece inexorável como futuro cidadão. A produção de novas experiências de sentido de algumas singularidades, aqui por nós consideradas e estudadas, visa um enriquecimento dos debates acerca dos possíveis pontos de ruptura dessa lógica dominante de construção da cidade contemporânea.

Manifestações institucionais em sua maioria são propostas que mostrariam, de diferentes maneiras e por diferentes características e caminhos, perspectivas diversas das ações que, hoje, quase sempre se colocam apenas como sanções normalizadoras dos processos e tendências em curso.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Otília. Urbanismo em fim de linha. São Paulo: Edusp, 2001;

ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia e VAINER, André. A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000;

ARQUITETURA E URBANISMO. VINEX (Vierde Nota op de Ruimtelijke Ordening Extra ou o Quarto Informe sobre Planificação Física nos Países Baixos que prevê – até 2.015 – a construção de cerca de um milhão e cem mil novas unidades habitacionais. (76), 1998, 36;

BETSKY, Aaron et alii. Reading MVRDV. Roterdã: NAI Publishers, 2003;

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976;

FIX, Mariana. São Paulo cidade global. São Paulo: Boitempo, 2007;

FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008;

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. V.1. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1980;

GUATTARI, Félix. Caosmose. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992;

GUATTARI, Félix e DELEUZE, Gilles. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006;

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. Multidão. São Paulo: Editora Record, 2005;

HUET, Bernard. A cidade com o espaço habitável. Alternativa à Carta de Atenas. Arquitetura e Urbanismo (9) 1986/87, 82.

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000;

JAMESON, Fredric. Future city. New left review (21), Maio-Junho 2003;

KOOLHAAS, Rem. Cidade genérica. In Lo urbano em 20 autores contemporâneos. Angel Martin Ramos (ed.). Barcelona: Edições UPC e ETSAB, 2004 ;

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante. São Paulo: Cosac Naify, 2008;

KOOLHAAS, Rem, e CLEIJNE, Edgar. Lagos: How it works. Londres: Lars Müller Publishers, 2007;

KOOLHAAS, Rem; BOERI, Stefano ; KWINTER, Sanford; OBRIST, Hans; TAZI, Nadia. Mutations. Barcelona: ACTAR, 2001;

KOOLHAAS, Rem. Conversaciones com Estudiantes. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MELLO FRANCO, Fernando de; MOREIRA, Marta e BRAGA, Milton. MMBB. Vazios de água. URBS (44), 2007, 48-53;

MUÑOZ, Francesc. Paisajes banales: bienvenidos a la sociedad del espectáculo. In Metrópolis. Ignasi de Solà-Morales e Xavier Costa (eds.). Barcelona: Gustavo Gili, 2005 ;

MVRDV. KM³ Excursions on capacities. Barcelona: ACTAR, 2005;

MVRDV. FARMAX. Excursions on density. Roterdã: 010 Publishers, 2006;

MAAS, Winy. Five minutes city. Architecture and [im]mobility. Roterdã: Episode Publishers, 2002;

RIBEIRO, Renato Janine. A sociedade contra o social. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 2002;

SASSEN, Saskia. La identidad en la ciudad global: encasillamientos económicos e culturales. In Metrópolis. Ignasi de Solà-Morales e Xavier Costa (eds.). Barcelona: Gustavo Gili, 2005;

SASSEN, Saskia e ROOST, Frank. A cidade: local estratégico para a indústria global do entretenimento *in* Aliança e Competição entre Cidades. Espaço & Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos (41), 2001;

SCHWARZ ,Roberto. As idéias fora do lugar. Da Introdução ao ensaio sobre Machado de Assis "Ao Vencedor As Batatas". São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977;

SOLÀ-MORALES , Ignasi de. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002;

SOLÀ-MORALES, Ignasi de e COSTA, Xavier (eds.) *Metrópolis*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005;

TAFURI, Manfredo. *Projecto e utopia*. Lisboa: Editorial Presença, 1985;

TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. *Modern Architecture*. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1976;

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999;

WENDERS, Wim. *A paisagem urbana*. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (23), 1994.